

## ONDE TODOS SÃO LIVRES

Com suas mãos nos bolsos, com o cabelo caído sobre seus olhos (como era seu costume), com um leve assobio nos lábios, que era seu cartão de visita e seu grito de guerra (pelo qual ganhou o apelido de “O assobiador e seu cachorro”), coçando um joelho no outro e fazendo riscos no chão com a sola de sua alpargata e ainda com um leve tremor nos cotovelos (era uma manhã bem fria), Joãozão não perdia uma palavra da conversa.

“Vieram todos os jogadores da primeira”, dizia o Benito. “Chegaram em ônibus e estão no Clube dos Defensores”. “Veio o melhor do time. Vieram com todo o equipamento novo: camisetas, botas e meias”.

“Eu vi duas bolas novinhas em folha”, acrescentou José Castro, um rapazinho fraco, de olhar indeciso que, desde que fizera o serviço militar, era chamado agora de Castro José, conforme o costume do quartel.

O grupo de homens e rapazes conversava à porta do “Hotel Plaza”, por onde passam os ônibus que vão a Buenos Aires. Eles estavam falando a respeito do Boca Juniors, a famosa equipe da primeira divisão que tinha chegado a Balizas para disputar um jogo contra um combinado local.

Joãozão estava deslumbrado com o que via. Para os jogadores de futebol de Buenos Aires eram fabulosos, eram homens inacessíveis, homens lendários. Nunca tinha pensado que um dia pudesse vê-los pessoalmente, tocá-los e falar com eles.

Agora que o Benito e Castro José os tinham visto bem de perto, que tinham ouvido suas vozes e tinham até mesmo conversado com alguns deles, sentia uma espécie de admiração misturada com inveja.

Ele era um apaixonado pelo esporte, como milhares de rapazes e adultos no país. Mas seu conhecimento a respeito dos jogadores o tinha conseguido através do rádio, da

televisão e pela leitura dos jornais. Nunca tinha visto pessoalmente um jogador da primeira divisão. Agora que o Boca Juniors (e que timão este!) ia jogar no domingo em Balizas estava pensando que tinha chegado a oportunidade de sua vida.

Um desejo intenso, louco, de ir até Balizas, encontrar o Clube dos Defensores e ver e cumprimentar os jogadores Marante, Soda, Lazzatti, Varela e outros craques da bola ia tomando conta do seu coração com uma força irresistível, própria das grandes paixões juvenis.

Sem dizer nada, sem chamar a atenção de ninguém, saiu do grupo, que continuou conversando à frente do Hotel. Este pomposo nome “Hotel Plaza” era dado a um simples ponto onde os ônibus faziam parada de dez minutos. Mas as pessoas simples e rudes do local assim o chamavam e ninguém reclamava.

## oOo

Joãozão era um rapazinho de catorze anos, mas muito simples e sem juízo e parecia ter apenas oito anos. No entanto, era forte de corpo e gostava muito de andar. Nasceu e cresceu no interior, na roça, onde os campos e estradas convidam a andar. Gostava de correr o dia todo atrás de animais.

Ficou na história a viagem que fez quando, tendo ferido um pássaro na asa com uma pedada que atirara, andou o dia inteiro, afastando-se quarenta quilômetros de sua casa. Só conseguiu pegá-lo à noite e, para voltar para casa, muito ajudou a carona que um caminhoneiro lhe deu, deixando-o em sua casa quando o dia já estava escuro. Aquele dia viveu uma verdadeira aventura, passando por caminhos desconhecidos e por atoleiros, atrás do pássaro ferido.

Seus pais eram simples chacareiros, que viviam amarrados à terra o ano inteiro. Seus irmãos mais velhos ajudavam os pais no cultivo da pouca terra que tinham e os outros tinham-se esparramado por todo canto à procura de

trabalho. Um deles, o Fabiano, tinha atravessado o rio e agora estava no Uruguai, trabalhando numa fazenda.

Às vezes passava o dia inteiro no “Hotel Plaza” para ver os ônibus que iam a Buenos Aires ou que vinham de lá; este era também o ponto de encontro de uma vintena de outros desocupados como ele. Numa destas oportunidades é que os tinha escutado a respeito da visita do Boca Juniors à cidade vizinha de Balizas, como começou a nossa história.

Joãozão foi para sua casa, assobiando como habitualmente e com sua cabeça vazia, cheia só de uma ideia: ver os jogadores do Boca Juniors. Ele não tinha dinheiro para viajar e nem podia pedir dinheiro a seus pais. Havia só uma possibilidade: ir a pé, sozinho, até o Clube dos Defensores e ali ver todos os jogadores de uma vez.

Com a sua simplicidade, não demorou muito tempo para convencer-se de que se tratava de um excelente plano. Iria sozinho, saindo bem cedo de casa, chegaria a Balizas, veria os jogadores, os cumprimentaria e voltaria para casa, todo orgulhoso. Depois contaria a seus pais e a seus irmãos sua proeza, pois geralmente não o tinham em muita conta.

Ele era muito sensível a zombarias e a contrariedades. Chorava diante da menor dificuldade que lhe surgisse. Era uma verdadeira criança e muito sensível; por ser assim, a vida não era muito fácil para ele.

Na escola, seus companheiros caçoavam dele e o perseguiram; em casa, era gozado todo santo dia; seu pai tinha pouca paciência com ele e costumava castigá-lo por qualquer coisa que fizesse; no grupo dos companheiros do Hotel Plaza era vítima de zombarias cruéis como fazer-lhe beber querosene, ou agarrar uma moeda bem quente no ar, ou pôr-lhe uma cobra viva no pescoço.

Uma vez, o deixaram bêbado com cerveja e o pobre Joãozão tinha voltado para casa todo sujo e com péssima aparência. Tinham-lhe ensinado a fumar e agora o rapaz não podia deixar este vício.

Joãozão estava certo que um dia as coisas seriam diferentes para ele, pois deixaria de ser o palhaço de todos

para merecer a consideração e o respeito devidos a um homem.

Aquela noite foi deitar-se sonhando com muitas coisas. Entre elas, sonhou que Jesus Cristo aproximava-se dele no caminho para Balizas e andava com ele durante um trecho e lhe dizia: “Joãozão, se você andar ao Meu lado, tudo irá bem para você”. Joãozão tinha acordado e sorria para o Senhor Jesus.

Alguma coisa ele sabia a respeito de Jesus Cristo e da Bíblia. Os pais de Joãozão eram crentes e havia uma Bíblia em casa. De vez em quando os visitava um pregador e havia uma reunião em sua casa, quando eram lidas passagens da Bíblia e era feita oração.

Todos os colonos da região eram crentes e praticavam algo de sua religião desta maneira. A boa semente estava sendo semeada insensivelmente no coração de muita gente.

## oOo

Joãozão acordou bem cedo, antes mesmo que o sol aparecesse, e saiu fora de casa. Era uma manhã de maio, fria e cheia de nuvens. Seria um milagre se não chovesse nesse dia. Todo dia 25 de maio costuma chover na Argentina, talvez para fazer mais vívida a lembrança da revolução triunfante e do primeiro governo pátrio.

Começou a andar rapidamente, enfiado num paletó grosso, herdado do irmão que tinha ido ao Uruguai, e com uma calça de brim que lhe chegava à metade da perna. As alpargatas desfiadas nas pontas pisavam terra branca, úmida e fria.

A mente de Joãozão estava ocupada apenas com uma coisa: ver os jogadores do Boca Juniors, seus ídolos. Quando já fazia meia hora que estava andando, saiu o sol, o famoso “sol do vinte e cinco”, por entre nuvens escuras e avermelhadas.

O frio o fez tremer e estava com fome. Pensou que, se encontrasse alguma casa pelo caminho, poderia pedir café.

Ao longe viu uma mansão cercada por um muro branco. Quando se aproximou dela sofreu a primeira desilusão do dia. Um tremendo cartaz branco com letras vermelhas dizia:

**É PROIBIDO ENTRAR**  
**Propriedade particular**  
**Cuidado com os cachorros**

Como que para reafirmar a advertência do cartaz, um grupo de cachorros daneses apareceu junto ao portão, latindo como demônios. Joãozão deu um pulo e prosseguiu seu caminho.

Lá pelas dez horas da manhã, o sol tinha conseguido desembaraçar-se das nuvens e brilhava no céu azul. O ar estava morno. Bandos de pássaros voavam entre as árvores do caminho. Ouviam-se os gritos de animais.

Joãozão tirou sua funda e a carregou com uma pedra especial, escolhida. Ia atingir uma linda pomba que se apresentava como um excelente alvo quando viu uma placa em um poste. Aproximou-se para ler e viu:

**PROPRIEDADE PARTICULAR**  
**É PROIBIDO CAÇAR**

Sem saber o porquê, Joãozão sentiu-se contrariado. A palavra “proibido”, que via pela segunda vez, o molestava e entristecia.

Ele, que tinha um espírito livre e que, como toda criança, pensa que tudo lhe era permitido no mundo e que tudo é de todos, achava que aquela palavra antipática era uma ofensa para ele, quase um dano ao seu coração. “Proibido!” O mundo não é tão belo e nem a vida tão linda quando há coisas proibidas.

Andava pela estrada de terra vermelha. Tirou do bolso um cigarro amassado e um fósforo. Acendeu o cigarro e deu sua primeira pitada. A fumaça o fez tossir e irritou seus olhos, saindo-lhe lágrimas. Joãozão não era um bom

fumante. Para falar francamente, o cigarro o fazia sofrer, mas, como acontece com os rapazinhos, queria sentir-se homem e parecer maior e, por isso, fumava, suportando o suplício do vício repugnante.

Quantos jovens começam assim a carreira de fumantes e terminam com seus pulmões totalmente arruinados, incapazes para o trabalho!

Sentia-se cansado e com muita fome. Um ônibus passou velozmente, fazendo muito barulho e levantando-se pedras. Joãozão viu um braço sair por uma das janelas e um pacote branco voar no ar. Caiu perto dele e o abriu. Era um par de bananas que algum coração generoso lhe tinha atirado, vendo-o tão esfarrapado. Devorou aquelas bananas como costumam fazer as crianças da roça com a gostosa fruta proveniente do Brasil.

Lá pela metade da tarde estava sentindo muito calor. Quase que tinha esquecido a razão daquela sua caminhada desde o amanhecer. Estava novamente com fome e com sede. Ao longe divisou uma casa simples e com bom aspecto. Um pomar ao lado da casa estava cheio de mexericas. Ao Joãozão se encheu a boca de água. A casa estava vazia e solitária. Certamente os seus moradores tinham ido à cidade para ver a festa.

Um cartão, mal pintado com letras vermelhas e feias, transmitia a sua mensagem:

## **É PROIBIDO TIRAR MEXERICAS**

O leitor poderá dizer que Joãozão poderia muito bem pular a cerca, subir à árvore e tirar quantas mexericas quisesse, fartando-se delas. Mas Joãozão tinha uma virtude: sabia respeitar o direito dos outros. Naquilo que era lícito ou que parecia lícito, Joãozão ia em frente, mas quando encontrava uma proibição ficava como que paralisado e não era capaz de desobedecer o mínimo regulamento.

Uma vez, no Hotel Plaza, onde havia a apresentação de um ventríloquo, lhe tinham dito por brincadeira: “Não deve rir porque o homem não gosta” e ele tinha segurado as risadas durante toda a apresentação, enquanto seus companheiros riram às gargalhadas vendo as brincadeiras do boneco.

Joãozão era assim: um pouco tonto e um pouco bom demais.

Continuou seu caminho, desorientado e com vontade de chorar. Queria voltar para sua casa, mas já tinha ido longe demais. A cidade para onde ia não devia estar longe. O sol já se punha quando viu as primeiras casas brancas e a avenida de entrada na cidade, cheia de árvores. Morria de cansaço, após ter caminhado uns 55 quilômetros.

Foi direto ao centro da cidade, à procura do Clube dos Defensores. Viu uma casa muito bonita, cheia de janelas iluminadas e de carros último tipo. Ficou admirado contemplando as pessoas bem vestidas que passeavam pelo jardim em frente à casa.

Então uma voz azeda lhe disse: **“Vamos rapaz, ande. É PROIBIDO parar por aqui”**. Um soldado da polícia, com cara de maus amigos, o estava empurrando.

Joãozão suspirou. Seu cérebro quando estava assustado ou distraído, demorava em reagir. Talvez por brincadeira o agente da polícia deu-lhe um tapa nas costas e Joãozão saiu disparado, como um cachorro que é açoitado. Não suportou mais e começou a chorar. Tolda a angústia que suportara desde aquela manhã extravasou naquele momento e Joãozão chorou como só ele sabia chorar.

As pessoas olhavam para ele com curiosidade e lhe perguntavam o que lhe acontecia. Mas o menino começou a correr pelas ruas da cidade. Esta lhe era desconhecida. Viu vitrines e mais vitrines, carros, pessoas, luzes, muitos meninos bem vestidos, bicicletas rápidas. Tudo passava diante dele e mal podia prestar-lhes atenção, pois sua cabeça estava girando. Finalmente encontrou uma pracinha e sentou-se na grama, com as pernas formigando de tanta cansaço. Fechou os olhos e adormeceu. De repente, um

pontapé o fez acordar. Uma voz grossa e mal-humorada lhe disse> “Não viu o cartaz?”

## **É PROIBIDO PISAR NA GRAMA**

As letras escritas em preto sobre um fundo branco foram-lhe como uma chicotada. O pobre Joãozão levantou-se, saiu correndo e foi embora. Os acontecimentos do dia que ele pensava seria bem feliz o sobrecarregavam como um grande peso. “Tudo está proibido neste mundo”. Sem saber porque, os vários cartazes **“ESTÁ PROIBIDO”** que durante o dia tinha encontrado pareciam-lhe uma sentença dolorosa. Era-lhe algo triste e desagradável como um falecimento. Tinha vontade de chorar novamente.

De repente, abriu desajeitadamente os olhos. Sem perceber, tinha ido parar precisamente em frente ao Clube dos Defensores, o alvo de sua viagem. Lembrou-se, então, que lá dentro deviam estar seus jogadores prediletos, seus heróis, esses nomes mágicos que são o alvo da admiração e que são idolatrados por milhões de pessoas com seu esporte.

Era um edifício branco, moderno e bonito, adornado com bandeiras nacionais e com faixas. Ouvia-se fora a música que era tocada dentro, além de risadas e conversas alegres.

Joãozão atravessou a rua com seu coração palpitando. Afinal de contas, tinha valido a pena sofrer tato na viagem, pois agora estava diante do Clube.

Já tinha atravessado o largo portão de entrada quando uma placa de bronze ao seu lado o deixou petrificado:

**CLUBE DOS DEFENSORES  
SOCIAL E ESPORTIVO  
É proibida a entrada  
a toda pessoa que  
não seja sócia do Clube**



Esta era demais para Joãozão. Com seu ingênuo coração despedaçado, afastou-se gemendo. Nem ânimo para chorar não tinha mais. De uma vez tinham sido desfeitos todos os seus sonhos de 48 horas atrás. Aquela última proibição, bem no fim de sua exaustiva viagem, era demais.

## oOo

Lembrou-se que naquela cidade tinha uma tia. Devia morar no bairro do matadouro. Começou a procurá-la. Perguntou a um homem que por ali passava onde ficava o matadouro. O homem tinha uma boa aparência, despertando a confiança de Joãozão.

“Você está perdido?”, lhe perguntou.

“Sim, senhor”, respondeu-lhe o rapazinho. “Não conheço a ninguém por aqui e gostaria de encontrar a minha tia”.

”De onde você vem?”

“De Baixada Grande. Saí esta manhã e vim a pé”.

“E porque você veio sozinho?”

Então Joãozão, que estava deseioso de uma companhia o dia todo, contou sua história. Contou tudo direitinho porque, entre as coisas boas que tinha, uma delas era dizer a verdade.

O homem sorriu percebendo num instante a ingenuidade de Joãozão.

Pôs-lhe uma mão sobre o ombro, paternalmente, e lhe disse:

“Olhe, eu vou a uma reunião de crentes. Se quiser acompanhar-me, venha comigo. Depois comeremos alguma coisa e depois ajudarei você a encontrar sua tia”.

Joãozão concordou. Chegaram a uma casa onde numa salinha pequena e limpa havia umas quinze pessoas reunidas para um culto. O homem que tinha encontrado Joãozão e a quem chamaremos de senhor Luiz Peyronet subiu a um pequeno estrado e começou a falar.

Era um ministro evangélico destes que procuram as almas perdidas para levá-las a Cristo, do mesmo jeito que o cachorro de ovelhas busca as ovelhas para levá-las ao pastor.

Deus o tinha colocado frente a Joãozão, uma alma ingênua, doce e perdida, que já conhecia em sua essência a mordida do mal do mundo. O senhor Luiz falou emocionadamente do céu. Falou desta grande cidade celestial que Jesus está preparando para aqueles que O amam. Uma cidade que tem portas de pérolas, ruas de ouro e paredes de diamantes; onde há frutas estranhas que aquele que come delas sara de toda enfermidade e não morre nunca; uma cidade sem nenhum tipo de mal e, o que é melhor, sem nenhum cartaz que diga:

### **“É PROIBIDO”**

E isto porque na cidade celestial, no país onde Jesus reina, todos são livres, porque Jesus veio trazer a verdadeira liberdade.

A mensagem simples caiu sobre a alma de Joãozão como uma suave chuva de primavera. Como Deus o tinha estado preparando durante o dia todo, não lhe foi difícil crer no que o senhor Luiz dizia. E, quando este fez um convite aos presentes para que aceitassem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador em seus corações, ele creu com toda a força de sua alma ingênua e naquela noite fez a grande decisão da via de todo jovem.



Nesta mesma noite, o senhor Luiz Peyronet ajudou a João Eckerdt (Joãozão) a encontrar a sua tia. Na manhã seguinte., o levou a Baixada Grande, à casa de seus pais, que, ansiosos, já tinham avisado a polícia, pensando que se tivesse perdido por entre as montanhas ou que se tivesse afogado no rio. Já podemos imaginar como os dois foram bem recebidos naquele lar.

Já se passaram uns treze anos. Joãozão, convertido a Cristo na noite de 25 de maio, a festa nacional da Argentina, tem tido outras aventuras lindas. “Mas”, como disse Kipling, “essa já é outra história”.

**.oOo.**